

Materialidades dissolvidas e fantasmagorias na arte atual

Maria do Carmo de Freitas Veneroso, Universidade Federal de Minas Gerais

Nesse trabalho pretende-se investigar de que maneira a presença de representações de animais nas imagens impressas atuais recupera e ressignifica o imaginário medieval, através da referência, por artistas contemporâneos, aos bestiários e outras formas de representação dos animais na Idade Média e início da Idade Moderna, como aquelas presentes nas enciclopédias e manuais científicos. O referencial teórico utilizado tem como principal referência a história social do conhecimento, e autores como Peter Burke e Michel Foucault, em diálogo com Jorge Luis Borges.

Palavras-chave: arte impressa. bestiários. seres fantásticos. arte e ciência.

*

The aim of this work is to investigate how the presence of representations of animals in the current printed images recovers and reaffirms the medieval imagery, through the reference, by contemporary artists, to bestiaries and other forms of representation of animals in the Middle Ages and early Modern Age, such as those present in encyclopedias and scientific manuals. The main theoretical reference is the social history of knowledge, and authors such as Peter Burke and Michel Foucault, in dialogue with Jorge Luis Borges.

Keywords: printed art. bestiaries. fantastic beings. art and science.

Introdução



Fig. 1- Aldrovandi, Ulisse. *Serpentum, et draconum historiae*. 1640

Ignoramos o sentido do dragão, como ignoramos o significado do universo, mas há algo em sua imagem que se encaixa à imaginação dos homens, e assim o dragão surge em diferentes latitudes e idades. É, por assim dizer, um monstro necessário, não um monstro efêmero e casual, como a quimera ou o catoblepas.
 Jorge Luis Borges

Para abordar o tema proposto para esta mesa, voltarei ao conhecido texto de Borges, O idioma analítico de John Wilkins, mais precisamente à referência “a uma certa enciclopedia chinesa”, no Prefácio de *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault. Ele afirma que o livro nasceu deste texto de Borges, “do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia”¹. Nas remotas páginas da tal enciclopedia chinesa consta que os animais se dividem em (a) pertencentes ao Imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis (k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcétera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas.²

¹ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. IX.

² BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Também no texto de Olga Pombo, Da classificação dos seres à classificação dos saberes³, é utilizada a mesma referência a essa classificação dos animais citada por Borges. Fica a questão, porque essa taxonomia, com todas as suas “ambiguidades, redundâncias e deficiências”, que “o doutor Franz Kuhn atribui a certa enciclopédia chinesa intitulada *Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos*”⁴, apócrifa, por sinal, levanta todo esse interesse, provocando ao mesmo tempo atração e estranhamento.

Borges compara “os seres fantásticos à coexistência de termos sem qualquer concatenação linguística, qualquer organização verbal, qualquer sucessão de palavras”, sugerindo que “a literatura é, afinal de contas, uma monstruosa série de imaginações”, como sugere Molloy, no seu Prefácio do *Livro dos seres imaginários*⁵.

Para abordar esse tema recorreremos ao trabalho de artistas contemporâneos cujas representações de animais mesclam figuras híbridas, que aludem por vezes ao imaginário medieval, por meio de referências a bestiários, e, em outros casos, a figuras fantásticas provenientes de livros de história natural. Pretende-se, através dessas aproximações, investigar de que maneira a presença de representações de animais nas imagens impressas atuais recupera e ressignifica o imaginário da Idade Média e da Idade Moderna, contribuindo para a criação de sentido nessas obras de artistas contemporâneos.

Serão abordados os pensamentos de autores como Peter Burke e Michel Foucault, em diálogo com Jorge Luis Borges.

Bestiários e história natural

Mapas, bestiários e manuscritos iluminados medievais contribuíram para a construção de representações de animais fantásticos que permaneceriam por muito tempo fazendo parte do imaginário de diferentes povos. O maravilhoso medieval que figura nessas obras não exigia uma decifração imediata, pois era aceito e visualizado como mais uma das coisas que o homem não pode compreender.

O período moderno, geralmente aceito como os séculos de Gutenberg (século XV) a Diderot (século XVIII), assistiu a uma explosão do conhecimento que se seguiu à invenção da imprensa, aos grandes descobrimentos e à chamada “revolução científica.”

Pode-se considerar que a idade clássica definiu esse domínio denominado ‘história natural’ e para isso foi preciso “que a História se tornasse Natural. O que existia no século XVI até meados do século XVII eram histórias”. Em 1675, Jonston publica uma história natural dos quadrúpedes e, apesar dessa data não ser precisa, ela simboliza uma referência ao “assinalar de longe o enigma aparente de um acontecimento”, pois “até Aldrovandi, a

³ POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. Disponível em:

<<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf>>. Acesso em 10 de set. 2017.

⁴ BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵ MOLLOY In BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Alfragide, Portugal: Teorema, 2010. Prefácio, p. 11.

História era o tecido inextrincável e perfeitamente unitário daquilo que se vê das coisas e de todos os signos que foram nelas descobertos ou nelas depositados”⁶.

Bestiários medievais e arte contemporânea

As representações de animais naturais e imaginários criadas pelo “maravilhoso” medieval encontram-se também nas obras de artistas contemporâneos. Dentre eles pode-se destacar Gilvan Samico, cujas xilogravuras são povoadas por personagens bíblicos e outros, provenientes de lendas e narrativas locais, além de animais fantásticos e míticos. Ele passa a abordar essa nova temática principalmente a partir do contato com Ariano Suassuna, quando sua produção passa a ser marcada pela recuperação do romanceiro popular nordestino, por meio da literatura de cordel e pela utilização criativa da xilogravura⁷.



Fig. 2 - Pégaso Etíope (1350)

Suas obras enfatizam a bidimensionalidade, representando as figuras como signos. Nelas as referências aos animais fantásticos dos bestiários medievais são nítidas, como uma possível alusão ao (Fig. 2) Pégaso Etíope (1350) na xilogravura (Fig. 3) *Rumores de guerra em tempos de paz*. O pégaso etíope (1350) era uma raça de cavalo alado e com chifres, nativo da Etiópia. Ele foi derivado de *Pegasus* (c. 510 a.C.), o célebre cavalo do mito grego, de quem foi dito também ter nascido nas margens do mar vermelho perto da Etiópia. Os bestiários deram continuidade e ao mesmo tempo ressignificaram a narrativa acerca de animais fantásticos provenientes das culturas pré-cristãs, como se pode notar nessas duas

⁶ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 175-76.

⁷ <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10514/gilvan-samico>

imagens de Pégaso⁸. Essa ressignificação pode ser notada, ainda, com a fênix, proveniente da tradição pagã. O mito da fênix que renasce das próprias cinzas é retomado nessa iluminura, porém a narrativa está atravessada por uma moral cristã, na qual a ave aparece associada à figura de nosso Senhor Jesus Cristo, que disse em seu evangelho: "Tenho poder para dar a minha vida e recobrá-la de novo" [Jn 10, 18]. A figura da fênix está presente também na xilogravura (Fig. 4) *No reino da ave dos três punhais*, de Samico, desta vez no contexto da cultura popular nordestina.



Fig. 3 - *Rumores de guerra em tempos de paz*

⁸ Apesar de, tradicionalmente, a Idade Média ser considerada um período de poucas transformações, podem ser observadas grandes mudanças ao longo desses séculos e é nesse ambiente que se desenvolve esse tipo de códice medieval denominado bestiário.

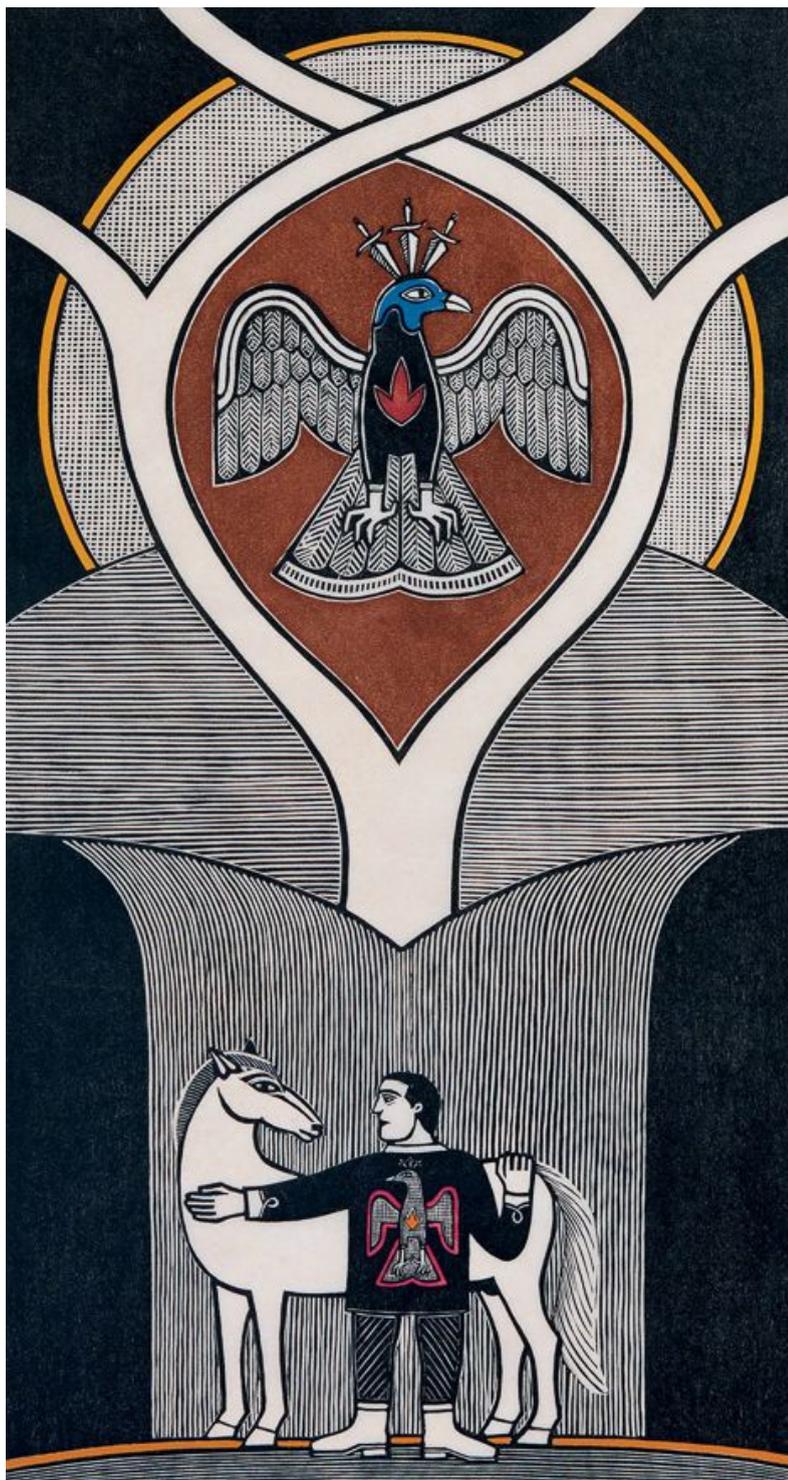


Fig. 4 - *No reino da ave dos três punhais*

Uma apropriação similar dos bestiários ocorre também nas gravura de Sebastião de Paula e no cordel de J. Borges. Tudo isso nos leva a associar as criaturas pertencentes à cultura popular nordestina às figuras medievais, por sua vez, recuperadas de um contexto pagão, mostrando que esses elementos podem ser vistos como símbolos, presentes em diferentes culturas e épocas, sendo que em cada uma delas, seu significado se ajusta àquele contexto específico.

Arte e ciência

Interessa a esse estudo investigar as relações entre arte e ciência, nos locais onde elas se contaminam, como, por exemplo, em certas produções artísticas, que utilizam ou subvertem princípios científicos, e em ilustrações que utilizam princípios estéticos para fins científicos, como no estudo da botânica e da zoologia, nos manuais de História Natural, ou Ciências Naturais e Biologia, entre outros campos.

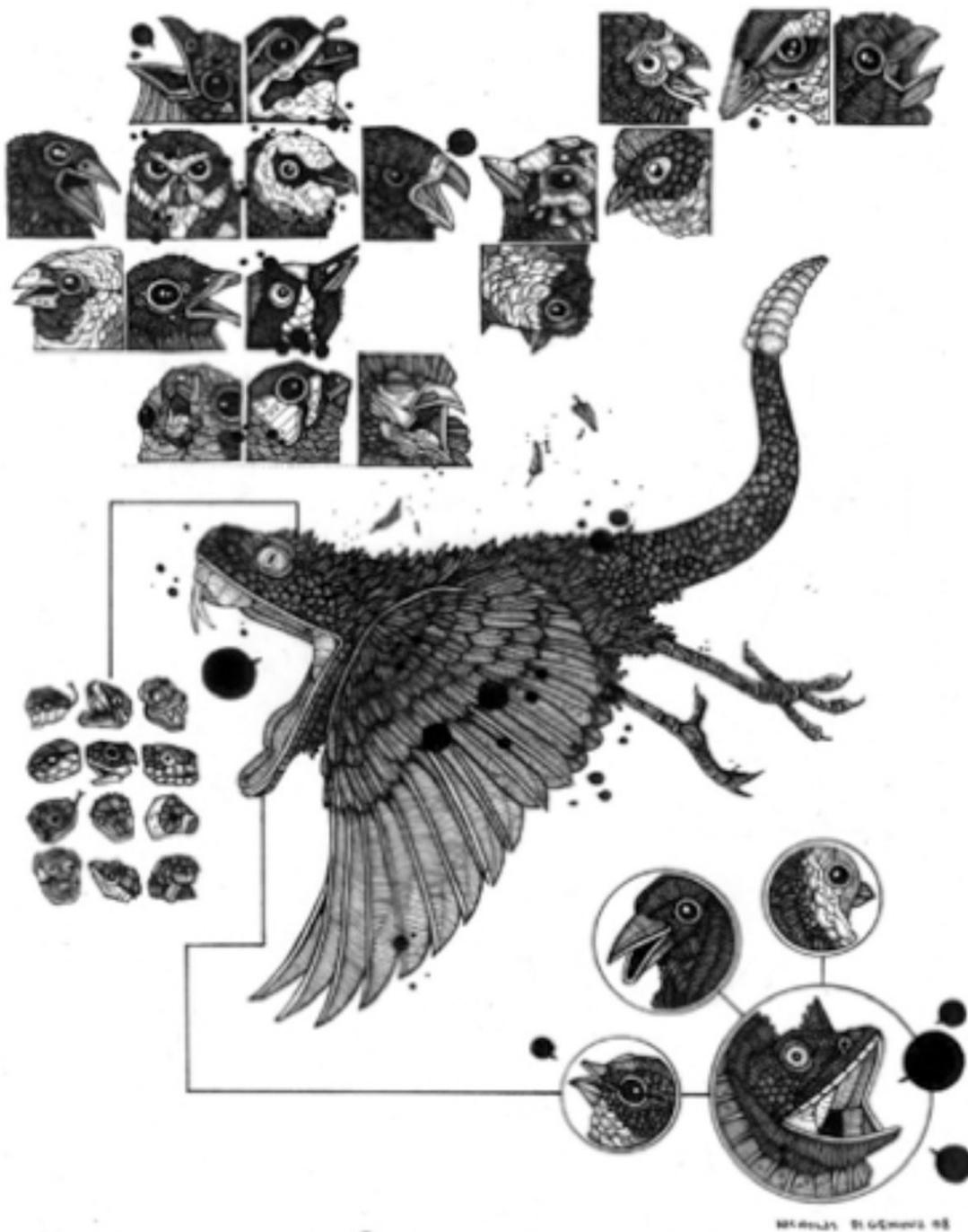


Fig. 5 - *Wunder Kammer*, Nicholas Di Genova

Essas referências aparecem nas obras do artista brasileiro Walmor Corrêa, cujos trabalhos são permeados por figuras híbridas, que ele trata com o rigor e o requinte das ilustrações que compõem os atlas de anatomia e os livros da assim chamada história natural.

Burke afirma que “um dos elementos mais importantes na elaboração do conhecimento é sua classificação”⁹. Porém, sistemas de classificação “se fazem, desfazem e refazem incessantemente”¹⁰. Ao recorrer à fábula de Borges sobre as categorias de animais encontradas numa enciclopedia chinesa, já citada, Foucault também aponta para “a arbitrariedade manifesta de qualquer sistema de categorias quando visto de fora”¹¹.

Também Nicholas Di Genova se apropria, de forma poética, de sistemas de classificação usados na história natural, para criar relações entre seres híbridos, através da criação de padrões de classificação para seres fantásticos. No volume 1 da sua obra (Fig. 5) *Wunder Kammer*, são apresentados desenhos de animais fantásticos, a partir de combinações de pássaros e mamíferos, como na figura que apresenta um animal com o corpo de pássaro e a cabeça de elefante.

Essa obra pode ser aproximada da (Fig. 6) *Ornithologiae* (1613), de Ulisse Aldrovandi, cujo grande projeto consistia na edição de uma grande enciclopédia de História Natural. Nota-se que ao mesmo tempo que Aldrovandi classifica animais e plantas existentes na natureza, ele também representa animais imaginários, que faz questão de classificar com o mesmo rigor com que classifica os animais “reais”. Isso se deve ao fato de que, nas palavras de Foucault, até Aldrovandi, fazer a história de uma planta ou de um animal era tanto dizer quais são seus elementos ou seus órgãos, quanto as semelhanças que se lhe podem encontrar, as virtudes que se lhe atribuem, as lendas e as histórias com que se misturou, os brasões onde figura, os medicamentos que se fabricam com sua substância, os alimentos que ele fornece, o que os antigos relatam dele, o que os viajantes dele podem dizer.¹²

Assim “a história de um ser vivo era esse ser mesmo, no interior de toda a rede semântica que o ligava ao mundo” sendo “que a grande tripartição, aparentemente tão simples e tão imediata, entre a Observação, o Documento e a Fábula não existia”. Foucault explica que isso não ocorria “porque a ciência hesitasse entre uma vocação racional e todo um peso de tradição ingênua”, havendo para isso “uma razão bem mais precisa e bem mais constringente, [...] os signos faziam parte das coisas, ao passo que no século XVII eles se tornam modos de representação”.¹³

Concluindo, retornamos à aproximação, já citada, que Borges traça entre a lógica que rege os seres imaginários e a literatura, propondo essa mesma aproximação entre os seres

⁹ BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

¹⁰ DURKHEIM apud BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 78.

¹¹ BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P. 78-79. p. 78-79.

¹² FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 177.

¹³ *Ibidem*. p. 177.

imaginários e as artes visuais, considerando que a arte também pode ser, afinal de contas, uma monstruosa série de imaginações.



Fig. 6 - *Ornithologiae* (1613), de Ulisse Aldrovandi,

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MOLLOY In BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Alfragide, Portugal: Teorema, 2010. Prefácio, p. 11.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf>>. Acesso em 10 de set. 2017.